



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC**

O uso do audiovisual no ensino de história: desafios, potencialidades e limites na escola da comunidade de São José, Cavalcante-Goiás

Ana Carolina de Deus Coutinho

Planaltina- DF

2018

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
FACULDADE DE PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEDOC

ANA CAROLINA DE DEUS COUTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Faculdade UnB Planaltina como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em Educação do Campo na área de Linguagens.

Orientador: Prof. Me. Felipe Canova Gonçalves

Planaltina

2018

ANA CAROLINA DE DEUS COUTINHO

O uso do audiovisual no ensino de história: desafios, potencialidades e limites na escola da comunidade de São José, Cavalcante-Goiás

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em ____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Prof. Me. Felipe Canova Gonçalves (UnB-FUP) – Orientador

Prof. Dr. Joelma Rodrigues da Silva (UnB-FUP) – Examinadora

Prof. Esp. Adriana Fernandes Souza (UnB-FE) – Examinadora

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos em especial, primeiramente a Deus no qual acredito, por ter me consolidado saúde, determinação e força para continuar durante toda trajetória de curso, individual e coletiva.

A minha mãe Joana Gonçalves dos Santos me apoiando, me dando força, carinho e amor.

Ao meu pai Adonias de Deus Coutinho que esteve presente nessa luta.

Aos meus irmãos que deram apoio, e força para que eu estivesse presente no período de tempo universidade.

A minhas primas e a minha tia Paulina que me apoiou a morar na casa dela quando adolescente para estudar.

Agradeço a minha família pelo apoio e preocupação com a minha pessoa. E incentivo.

Aos meus amigos e amigas pelas palavras de apoio e incentivo.

Ao meu orientador professor Felipe Canova Gonçalves, pela paciência que teve comigo durante a pesquisa e pela compreensão nos momentos de indecisão possibilitando a realização deste trabalho.

As pessoas que me substituíram na escola da comunidade durante o período que estive na faculdade.

A todo corpo docente da Faculdade UnB Planaltina, e da Licenciatura em Educação do Campo, que contribuiu com a minha formação. Em especial aos que tombaram na luta para que eu estivesse aqui. E a todos os funcionários da Faculdade UnB de Planaltina.

Aos coordenadores do curso da Licenciatura em Educação do Campo, durante este período, as professoras Eliete Wolf e Eliene Novaes, que tiveram uma imensa contribuição nessa formação.

Um agradecimento especial à turma Chico Mendes pelo apoio quando éramos calouros.

Aos coordenadores do projeto PIBID, que foi a ponte para entrar na sala de aula, pela paciência e dedicação dos professores Rosineide Magalhães e Djiby Mané.

As turmas do 6º ao 9º ano da escola João de Deus Coutinho, extensão: Calunga I, que trabalho. Em específico a do 9º ano que realizei o trabalho.

Aos professores colegas da escola, em especial a Professora Rosilda que me apoiou quando entrei na sala de aula.

As Associações EPOTECAMPO, AQK e AKC.

Aos meus colegas de turma Ganga Zumba, que se tornaram meus amigos que pretendo levar para a vida toda, Beatriz Gomes, Cassiana Rosa, Cláudia Lopes, Eva Santana, Leidiane Amaral, Luan Ramos, Carlos Roberto, Geovan Moreira, Beatriz Vidal, Jordana Lima e outros (as).

Agradeço as pessoas que contribuíram de todas as formas.

Às examinadoras da banca, professoras Joelma Rodrigues e Adriana Fernandes.

“O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção”.

Paulo Freire

*“Existiu
Um eldorado negro no Brasil
Existiu
Como o clarão que o sol da liberdade produziu
Refletiu
A luz da divindade, o fogo santo de Olorum
Reviveu
A utopia um por todos e todos por um.”*

Quilombo (Gilberto Gil, 1984)

LISTA DE ABREVIATURAS

GO - Goiás

CEBEP - Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular

EPOTECAMPO - Associação de Educação do Campo do Território Kalunga e Comunidades Rurais

FUP- Faculdade de Planaltina

LDB - Lei de Diretrizes Básicas

LEdoC - Licenciatura em Educação do Campo

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

PPP - Projeto Político Pedagógico

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TE - Tempo Escola

TC - Tempo Comunidade

UnB - Universidade de Brasília

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar o uso do audiovisual no ensino de história, na escola da comunidade de São José, Cavalcante-Goiás. Foi utilizada a metodologia da pesquisa qualitativa de observação e análise do trabalho desenvolvido em sala de aula, com foco no filme “Quilombo” de Carlos Diegues e a identidade quilombola. A pesquisa está fundamentada nas contribuições teóricas de Nadotti e Diegues (1984), Napolitano (2013), Kochhann e Resende (2016), Bernardet (2000) e Martins et al. (2010) que abordam sobre o uso de filme no ensino de história. Esta pesquisa, a partir da análise sobre a possibilidade de uso dessa ferramenta no ensino, contribui com uma reflexão que será de interesse dos professores de história e de demais disciplinas voltadas à inclusão do cinema na sala de aula, com uso de forma crítica.

Palavras-chaves: Audiovisual, História, Educação do Campo, Quilombo.

ABSTRACT

This work aims to investigate the use of audiovisual in the teaching of history, in the school of the community of São José, Cavalcante-Goiás. The methodology of the qualitative research of observation and analysis of the work developed in class was used, focusing on the film "Quilombo" by Carlos Diegues and the quilombola identity. The research is based on the theoretical contributions of Nadotti and Diegues (1984), Napolitano (2013), Kochhann and Resende (2016), Bernardet (2000) and Martins et al. (2010) that deal with the use of film in the teaching of history. This research, based on the analysis about the possibility of using this tool in teaching, contributes with a reflection that will be of interest to the teachers of history and other disciplines focused on the inclusion of cinema in the classroom, with critical use.

Keywords: Audiovisual, History, Educação do Campo, Quilombo.

Sumário

Quando me reconheci como negra kalunga	11
Introdução.....	15
CAPÍTULO I: METODOLOGIA	19
1.1 - Caracterização da pesquisa qualitativa	19
1.2 - Contexto da pesquisa	20
1.3 - População e local da pesquisa	22
1.4 - Instrumento de pesquisa	23
1.5 - Problemática da pesquisa	24
CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	25
2.1 - Cinema e educação.....	25
2.2 - Cinema e história.....	29
2.3 - Algumas considerações acerca da Educação do Campo e identidade quilombola.....	32
2.3.1- Educação do Campo	32
2.3.2 - Identidade quilombola.....	36
CAPÍTULO III: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA A PARTIR DO FILME “QUILOMBO”	42
3.1 – Análise do filme “Quilombo”	42
3.2 – Práticas pedagógicas em sala de aula com o filme	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
APÊNDICE	63

Quando me reconheci como negra kalunga

Preta kalunga na alma, no coração, no sangue derramado pelo chão dos meus ancestrais.

Preta por Dandara, Zumbi, e outros irmãos.

Preta contra o racismo e a discriminação.

Preta com repúdio do sistema imundo.

Preta com K, além da pele, com resistência e gratidão.

(Ana Carolina, #ananegra, 2018).

Meu nome é Ana Carolina, tenho 21 anos de idade, tenho quatro irmãos, atualmente moro com a minha mãe na comunidade São José, município de Cavalcante-GO. Passei a minha infância lá, apesar das dificuldades, foi uma das melhores fases da minha vida, vivia uma vida simples. Aos 13 anos, fui morar em Cavalcante para estudar, a escola tinha do primário até o 7º ano do ensino fundamental, um ano de muita preocupação para a minha família, “a procura de alguém para ficar comigo”, no fundo uma parte minha queria conhecer outro espaço e outra parte não. Decidiram, levaram-me para morar com a minha tia na cidade.

A fase na escola não era tão agradável, estudava no período matutino do 7º ao 2º ano do ensino médio, na disciplina de Língua portuguesa tirava as piores notas do 8º ao 9º ano, não conseguia raciocinar quase nada, sempre ficava para recuperação no final do ano. Me sentia mal, pois os meus pais estavam ralando na roça, e acreditando que eu estava bem nos estudos. Odiava a escola, parte dos colegas também, pois alguns faziam “brincadeiras” e eu até então não me manifestava, o medo que sentia deles era maior.

Aos 15 anos e alguns meses passei a morar com meu irmão de 16 anos, depois que a minha família conseguiu construir um pequeno barraco. Nesse período morar sozinho não foi nada fácil, meu irmão capinava lotes para receber a diária de 30 a 40 reais. Eu trabalhava como faxineira nas casas de “família”. E até babá, para

conseguir manter e pagar um curso de informática e operador de caixa, o intuito era arranjar um serviço mais razoável depois do curso. Recebia pelo meu trabalho 200,00 reais por mês. Quando conclui o curso, procurei emprego nos mercados, entreguei currículo, mas infelizmente me disseram que não tinha vaga. Continuei trabalhando como faxineira, e até hoje nunca trabalhei de operadora de caixa.

No 3º ano do ensino médio foi a melhor fase, mudei de turma, mesmo trabalhando o dia e estudando a noite, passei a gostar de todas as disciplinas, até português, conheci alguns colegas legais. Às vezes dormia na cadeira com o cansaço do trabalho, não conseguia assistir todas as aulas. Nesse ano foi o melhor, porque ninguém fazia piadinha do meu cabelo, do meu jeito calado, até então era uma turma de jovens que era da mesma classe, negros (as), e que trabalhavam durante o dia.

A culpa era de quem? Pouco me importava aquela vida. Questionava-me varias vezes, mal sabia dos poderosos, da classe média e alta, usurpadoras de tudo. Não tinha uma formação política e nem sobre o que é racismo, preconceitos e outros, ouvia falar que era crime, mas ninguém defendia. Meus pais não tiveram essa concepção, para que pudesse repassar-me. A escola foi a primeira a atribuir esses atos. Então ao racismo, preconceitos que me aconteceram foram quase todos cometidos disfarçadamente, sem que eu levasse a sério, só abaixasse a cabeça e ficar a pensar “foi só uma brincadeira”, tais como: “seu cabelo é muito... volumoso”, “não há creme que aguenta”, “sem cuidados”, com isso comecei a olhar para ele e odiar. E o meu desejo em alisar aumentava, não era algo normal, mas quando alisava sentia que fazia parte das outras meninas, me sentia confortável.

Aos 17 anos, por meio da ajuda de alguns familiares, consegui ingressar na Licenciatura em Educação do Campo. O curso mudou o meu caminho, as aulas falavam sobre a minha realidade, trouxe-me a importância de ser alguém e de poder contribuir na sociedade. As disciplinas do curso da LEdoC, como História e Memória e Conflitos Estruturais Brasileiros e Educação Popular (CEBEP), aguçaram o meu olhar para a realidade, me fizeram perceber os conflitos que passei, encorajaram-me a lutar e defender outras Anas que tem por aí. Aprendi com o ensino a me reconhecer e valorizar a minha história e de outras. Esse processo não foi de um dia após o outro. Duraram anos, meses e dias, até então era apenas a Ana que estava

perambulando, que não achava nada sobre as piadinhas racistas, homofóbicas e machistas. Apenas sabia que não era normal.

Esses conceitos fizeram-me lembrar de um dia quando meu amigo foi agredido na rua, porque é gay. Eu senti muito, no fundo não entendia o porquê das pessoas terem tanto ódio. Observei esses e outros fatos que aconteceram recentemente, e percebi que a sociedade está formando futuros homofóbicos, racistas, machistas, destruindo sonhos de muita gente.

Como mulher negra dói muito saber que as companheiras estão sendo agredidas por diversos tipos de violência nesse país. Dói saber que a maioria dos que estão encarcerados são negros(as). Os nossos corpos anunciam quando estamos numa fila e vamos ouvir piadas racistas. Reconhecer-me negra não foi nada fácil, pois me veio lembranças de quantas vezes fui excluída de algo por causa da minha pele, do cabelo, do silêncio. Uma das piores lembranças foi quando entrei em outro local público e perguntei se era realmente lá a secretaria, um homem branco não me respondeu, e alterou a voz pronunciando várias palavras horrorosas. Tinha menos de 16 anos, sem que eu falasse mais nada, abaixei a cabeça e saí. Abaixar a cabeça, esse gesto me traz mágoas, além das palavras.

Porém, ao reconhecer-me negra kalunga, fui analisando as histórias dos meus ancestrais e aceitando as minhas origens, aprendendo a viver em um país fruto da escravidão e de contradições. Descobri que tenho vozes do meu lado para quebrar o silêncio, as guerreiras/os como: Dandara dos Palmares, Zumbi dos Palmares, Rosa Park, Carolina de Jesus, Marielle Franco, Abdias do Nascimento e outras/os que não abaixaram a cabeça, e com os estudos teóricos sobre o conceito de raça, gênero e classe, identidade quilombola, e do território Kalunga, negando qualquer submissão.

Porém, falar sobre mim foi uma das dificuldades que sempre tive, nunca consegui escrever a minha história por completo, para explicar os meios e os fins, sempre foi angustiante. Mas durante os períodos do curso descobri que gostava de escrever alguns versos poéticos sobre o mundo, a negritude e esses textos me motivaram também a refletir sobre o eu kalunga. E descobri que de alguma maneira posso ajudar os jovens que passam por algo parecido.

Preocupa-me a formação humana que a sociedade está dispondo, o preconceito escolar é clássico, quase todos têm algo a dizer que passou na escola. Ela não é um espaço especial de boas memórias para muitos jovens negros. As crianças negras sofrem desde o primário, elas ficam abandonadas por outras, e até mesmo pelos adultos, quando elogiam a criança branca na frente da outra, e desmotivam a criança negra.

Como educadora vi a possibilidade de ajudar os adolescentes e as crianças negras(os) do campo. Procurando estudar juntos os conceitos e exemplos para não se surpreenderem futuramente, pois é mais do que fundamental eles reconhecerem sua identidade como negra (o), e a luta dos nossos ancestrais para viver em liberdade. Gosto de falar desse assunto em sala de aula, em qualquer momento da disciplina, para que os mesmos se aceitem e acreditem em si mesmas.

Introdução

Esta pesquisa de audiovisual no ensino de história está baseada na experiência que tive em sala de aula e com os conhecimentos adquiridos durante o curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEDOC) na Faculdade UnB de Planaltina (FUP), que possibilitou no estágio de tempo comunidade a experiência do audiovisual no ensino de história. Tendo como base a metodologia do curso com todas as aulas disponibilizadas no tempo universidade com foco em audiovisual, e tempo comunidade nos estágios realizados.

Este trabalho estrutura-se em três capítulos: primeiro, a metodologia abordando a população da pesquisa e sua caracterização; segundo, a fundamentação teórica; e por último a análise do filme e a descrição da experiência, as considerações finais e o apêndice. A pesquisa tem como objetivo geral Investigar qual a relevância, possibilidades e resultados da utilização do audiovisual no ensino de história sobre a realidade kalunga na comunidade São José, Cavalcante-GO.

Percebendo a necessidade da inclusão dessa ferramenta na escola João de Deus Extensão: Calunga I, dispomo-nos a pesquisar e incluir essa modalidade no ensino, com o uso do filme “Quilombo”, de Carlos “Cacá” Diegues para contribuir no processo crítico dos estudantes e no reconhecimento de sua identidade.

O interesse da pesquisa aconteceu devido ao fato de eu conviver na comunidade e dar aula de história, e assim perceber que faltava algo para contribuir com o ensino-aprendizagem dos estudantes. Assim o uso de filmes no ensino de história estaria contribuindo para os mesmos. Sendo um desafio, pois na escola não temos disponibilidade de equipamentos adequados para práticas de assistir filmes, além de enfrentarmos outros desafios que a realidade impõe.

A pesquisa analisa o processo crítico dos estudantes na disciplina de história e seus desdobramentos a partir do filme “Quilombo”, permitindo um nova prática pedagógica de ensino com a inserção do audiovisual no ensino de história na Educação do Campo, visando à possibilidade de ampliar seu uso em outras disciplinas.

Deste modo, para contemplar tal objetivo, dividimos nossos esforços em três etapas: a primeira foi analisar a turma. Como já estava em sala de aula como professora de história e tinha um conhecimento sobre como funciona o perfil da turma, tinha uma participação ativa. Conversamos sobre a prática de assistir filmes. Depois dialogamos sobre o referente conteúdo que estávamos trabalhando, a “História da formação de Quilombo”. A partir daí passamos para a segunda etapa, que constitui em pensar como assistir o filme sem energia elétrica, e equipamentos adequados, somados ao horário de apenas 50min. Quais estratégias usar? Por fim, a transmissão do filme em sala de aula, e as propostas de atividades encaminhadas.

Para a realização deste estudo recorreremos aos autores Napolitano (2013), Machado (2015) e outros que foram de suma importância. A metodologia foi qualitativa com uso de anotações do debate e escrita dos trabalhos. Depois as análises do filme em sala.

É importante destacar que a palavra cinema parecia estranha para mim, pois nunca havia ido ao cinema antes da Educação do Campo. Já tinha assistido alguns filmes em casa, sem muita absorção da representação da realidade.

A licenciatura em Educação do Campo foi a minha possibilidade de compreensão do significado de cinema, e de viver com dignidade, e compreender o que é uma educação emancipadora, que forma para a vida, nos tornando capazes de agir e pensar em diferentes espaços. Esse processo foi fundamental para a minha formação, com o estudo das questões da minha realidade, integrando o trabalho e o conhecimento. A este respeito Molina e Sá explicam que

A licenciatura em Educação do Campo é uma nova modalidade de graduação nas universidades públicas brasileiras. Esta licenciatura tem como objetivo formar e habilitar profissionais para atuação nos anos finais do ensino fundamental e médio, tendo como objeto de estudo e de práticas as escolas de educação básica do campo. (MOLINA e SÁ, 2012, p. 468).

O curso contribuiu na minha formação política e social. Como estudante, analiso a possibilidade de ajudar a formar outros jovens para contribuir e intervir nos problemas sociais da comunidade. A organização metodológica do mesmo é pensada aos estudantes do campo, com alternância do tempo escola e tempo

comunidade, possibilitando a formação dos sujeitos com a vida, na terra onde pisa. Oportunizando a agir em diferentes espaços, relacionando a teoria com a prática de acordo com a realidade.

Desta maneira, formam-se educadores do campo, por área de conhecimento, para atuarem nas escolas do campo, com o intuito de contribuir com a formação dos estudantes, para que estudem na comunidade de origem sem sair para a cidade. A formação de profissionais educadores oportuniza a jovens, adultos e crianças à educação básica.

Para isso, Molina e Sá ressaltam que formulou-se

(...) A organização dos componentes curriculares em quatro áreas do conhecimento: Linguagens (expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes, Literatura); Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática; e Ciências Agrárias. (2012, p. 471).

Trata-se dos componentes curriculares que valorizam os conhecimentos e habilitam educadores para atuarem nas escolas do campo e em todo seu processo de vida. A formação vai além da área de conhecimento, ela configura todo processo de luta, por isso a questão do tempo comunidade já mencionada acima, que faz parte de organização política e emancipatória na comunidade, como a realização de seminários, estágio curricular na escola e outras organizações cabíveis aos educadores.

Como ressaltam Molina e Sá (2012, p.471), “não são as disciplinas o objetivo central do trabalho pedagógico com o conhecimento. Este trabalho se dirige a questões da realidade como objeto de estudo, tendo como base a apropriação do conhecimento científico já acumulado”. Compreende-se que a proposta da licenciatura em Educação do Campo é ampla e objetiva, tem como perspectiva de formação dos sujeitos para além da teoria, ou seja, a partir da realidade, com a prática, sujeitos esses que aprendam a organizar coletivamente e construir estratégias para superar os desafios.

Dentro dessas áreas de conhecimento podemos optar por uma habilitação, sendo matemática, ciências ou linguagens. O curso humaniza e desafia a criar estratégias de luta dentro da comunidade. Procura também desalienar os olhares, e

educar nossos olhares diante da sociedade. Os trabalhos nas organicidades internas às tarefas de gestão do curso foram fundamentais para construir coletivamente as ações pensadas, tanto dentro da universidade como na comunidade.

Como educadores, o curso possibilita planejar aulas de acordo com a realidade dos estudantes, e aulas interdisciplinares. Isso só foi possível porque o curso tem uma metodologia voltada para a realidade dos sujeitos do campo. Que formam educadores capazes de educar e ajudar outros seres pensantes a construir uma nova sociedade.

A licenciatura em Educação do Campo permitiu conhecer os tipos de trabalho em nossa trajetória de vida, como emancipação humana e como exploração. Pois, é pelo trabalho como princípio educativo que o ser constitui sua existência, produção e comercialização no meio, para sobrevivência, valor de uso, transformando a natureza para a necessidade de sobrevivência.

Assim, diferentemente do modelo de educação bancária, a licenciatura em Educação do Campo tem o compromisso em formar docentes jovens e adultos para contribuir com a educação emancipadora. A metodologia foca na construção de sujeitos emancipados, não poderia ser diferente da realidade dos quilombolas, assentados, ribeirinhos, indígenas e outros grupos, que os marcos legais que asseguram o direito a educação básica e superior, situados na LDB e Doebec. Através da LEdoC, na área de conhecimento em linguagens, conheci o audiovisual e percebi a necessidade de inclusão dele no ensino de história na Educação do Campo para contribuir com os conhecimentos dos estudantes, e desenvolver outro tipo de modalidade visando à realidade dos mesmos.

Espera-se que este trabalho contribua e venha a ser o exemplo para outros educadores adotar esta prática de ensino superando os desafios em cada realidade. Que esse estudo seja continuado dentro do ensino de história e outras disciplinas na comunidade, não como mera ilustração de conteúdos, mas conhecimentos amplos do ensino e análise crítica da realidade.

CAPÍTULO I: METODOLOGIA

Este capítulo trata da abordagem metodológica de todo norteamento da pesquisa. Apresentaremos o tipo de pesquisa realizada e os procedimentos da análise. Abordaremos também o contexto histórico da comunidade São José e a Escola João de Deus Extensão: Calunga I.

1.1 - Caracterização da pesquisa qualitativa

A pesquisa é de cunho qualitativo que analisou e observou o processo do audiovisual no ensino de história através de atividades e debates. O método qualitativo para Zanella (2006, apud SILVA, 2015):

(...) Preocupa-se em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados. O método qualitativo de pesquisa não é empregado quando o pesquisador quer saber quantas pessoas têm preferência por um produto, portanto, não é projetado para coletar resultados quantificáveis (p.55).

Silva (2015) aborda que a pesquisa qualitativa procura descrever o processo e compreender os fenômenos de como eles se manifestam. Desta forma, o autor aponta que “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e, o pesquisador como instrumento-chave. Os estudos qualitativos têm como preocupação básica o mundo empírico em seu ambiente natural” (SILVA, 2015, p. 55).

Nessa linha do autor, buscamos os fenômenos nas observações, na análise dos participantes da pesquisa. Como o trabalho é estruturado na abordagem do audiovisual no ensino de história, Machado aponta alguns princípios fundamentais da metodologia de uso dos filmes:

Uma tal metodologia deve partir da constatação de que os meios de comunicação são sistemas simbólicos e não é um mero reflexo da realidade. Suas mensagens não se explicam por si mesmas, pelo próprio documento, mas pela interação entre o documento e a audiência. Por isso, devem ser lidas, analisadas e interpretadas de maneira ativa e crítica. (2015, p. 54).

Assim, a pesquisa analisou o processo de trabalhar o audiovisual no ensino de história com a intenção de incentivar o pensamento crítico dos estudantes e a criação de diversas modalidades de letramento a partir das atividades propostas sobre o filme “Quilombo”.

1.2 - Contexto da pesquisa

A comunidade São José se localiza no município de Cavalcante-Goiás a aproximadamente 85 km do centro da cidade. É uma comunidade de origem quilombola. O acesso é por estrada de chão, que está em péssimas condições, com as pontes estragadas.

Segundo os mais velhos, ela foi fundada pela família de dona Edivirge que chegou ao território com os seus filhos: Jacinto de Deus Coutinho, Maria de Deus Coutinho, Carlota de Deus Coutinho, João de Deus Coutinho, Bernaldina de Deus Coutinho e outros. É uma parte da minha família, sendo que eu só conheci em vida meu avô paterno Daniel de Deus Coutinho, filho do João. O meu avô teve 11 filhos com o meu pai, atualmente com as últimas gerações a família é muito grande.

Toda esta família descendente de quilombolas veio de um lugar chamado Choco, localizado entre Vão do Moleque e Vão de Almas, município de Cavalcante – Goiás. Essa família chegou aqui há aproximadamente 150 anos atrás, vieram em busca de melhores condições de vida.

Aos poucos, o número de moradores foi crescendo, e o lugar que então se chamava Capão Seco por causa de um rio que existe até os dias de hoje, passou a ser chamado de São José, por causa do santo ao qual todos eram muito devotos, e assim continuam.

A cultura da comunidade foi herdada dos nossos antepassados afro-descendentes. A folia, a dança, o batuque reúnem as pessoas para se divertirem trazendo paz e harmonia. As manifestações de origem africana se misturam com a devoção católica, como, por exemplo, a devoção ao Santo São José.

Coutinho aponta que “São José já chegou a ter 300 famílias moradoras efetivas, mas hoje (2015) no povoado existem 88 habitantes e 43 famílias” (2015, p. 30), que vivem da agricultura e da pecuária. A maioria das pessoas saiu da comunidade pela falta de uma boa educação escolar e em busca de melhor condição de vida.

O transporte é o serviço mais escasso na comunidade. É raro ter condução para ir à cidade. Alguns moradores têm carro ou moto, e os que não têm sofrem com a passagem que custa 50 reais (preço de 2018) quando conseguem a vaga. Outra alternativa é o caminhão da prefeitura que busca algumas vezes por mês as pessoas para vender seus produtos na feira de Cavalcante. Sobre as formas de transporte na comunidade, Coutinho corrobora que: “os meios de transporte utilizados hoje na comunidade são: carros, motos, bicicletas, cavalos, éguas, burros e bois carreiros, e essa é a forma de sobrevivência” (2015, p. 30).

A comunidade ainda não tem energia elétrica, as pessoas utilizam lamparinas, velas, lampião e placa solar em algumas casas. O acesso à comunicação é o telefone público e a internet na escola, que só funciona durante o dia e quando não está chovendo. A água é com base no poço artesiano, bombeado pelo motor que enche a caixa e distribui para a comunidade. Infelizmente nem todos tem acesso, principalmente os moradores de locais mais distantes, sendo preciso carregar água do rio para todos os usos necessários. Quando o motor estraga, causa perturbação para todos.

Na saúde, os moradores contam com medicamentos caseiros, e um posto de saúde, que fornece apenas soros e alguns curativos. Quando acontece algo que nenhum desses medicamentos acessíveis cura, os doentes se deslocam para o centro de Cavalcante-GO.

A comunidade não é registrada como território quilombola, embora tenha origem na ancestralidade negra. Nessa linha, Coutinho ressalta que:

Todos os moradores são descendentes de quilombolas exceto os que vieram de fora e se casaram com pessoas do povoado. Porém, o

território não é reconhecido como um território quilombola, mas espera-se que futuramente possa vir a ser reconhecido. (2015, p.30).

Em diálogo com essa afirmação, Gudinho em sua pesquisa sobre a Folia de São Sebastião na comunidade aponta que ela “é considerada uma comunidade de característica tradicional, mas a maioria de seus habitantes são descendentes de quilombolas do quilombo Kalunga das regiões do Vão do Moleque e do Vão de Almas”. (2017, p. 20).

1.3 - População e local da pesquisa

Neste trabalho, participaram da pesquisa estudantes da Escola João de Deus Coutinho – Extensão Calunga I, do 9º ano do ensino fundamental de ambos os sexos, numa faixa etária de 13 a 15 anos, sendo no total oito estudantes, oriundos de famílias trabalhadoras da agricultura que moram na comunidade, com pouco acesso a novas modalidades de ensino.

A Escola João de Deus Coutinho – Extensão Calunga I, está localizada na comunidade de São José, zona rural do município de Cavalcante – Goiás. A escola possui três salas pequenas e funciona atendendo no período matutino, contando com estudantes de 6ª ao 9ª ano do Ensino Fundamental. São no total 19 estudantes e quatro funcionários, sendo que eu faço parte do quadro dos três professores(as). Contamos também com uma auxiliar administrativa, trabalhamos por contrato temporário. E a escola conta como dependências apenas dois banheiros unissex.

Não se tem uma data concreta da criação da escola João de Deus. Coutinho ressalta “que começou mais ou menos no ano de 2000 a 2004. Sua criação se deu devido à necessidade dos moradores do lugar não terem escola para colocar os filhos após finalizarem a 5ª série” (2015, p. 42).

A Unidade Escolar tem umas salas muito pequenas, que foram cedidas pelo órgão municipal. A escola precisa de uma biblioteca, projetor (*data show*), gerador de energia, para superar alguns desafios de estrutura para atividades pedagógicas.

Como consequência dessa precariedade, os jovens todo ano saem da comunidade para estudar na cidade, em busca de melhores condições de vida uma vez que a escola não oferta o ensino médio. Esses jovens sofrem com o

reconhecimento de sua identidade e toda forma de preconceito dentro da escola da cidade. Muitos deles acabam, inclusive, não retornando para a comunidade.

No currículo escolar, o uso do audiovisual como conteúdo da disciplina de Artes ou prática pedagógica em outras disciplinas não é contemplado por decorrência da falta de estrutura, da dificuldade de acesso ou por não ter uma formação dos docentes nessa área. Por esses motivos, busquei inserir o audiovisual em minha prática docente durante meu estágio no ensino de história, que detalharemos adiante.

1.4 - Instrumento de pesquisa

Como foi dito acima, esse estudo é de cunho qualitativo, em que nos apoderamos de recursos como debate, observações, gravações e outras atividades realizadas. Para a coleta de dados realizamos atividades em sala de aula, nas quais utilizamos gravações e observações. E como recursos tecnológicos, foram utilizados caderno e caneta em diário de campo, além do gravador e do computador. Para essa pesquisa foram realizadas exposições do filme “Quilombo” em sala de aula, atividades com os estudantes depois do filme e debate. Esses dados deram embasamento para reflexões sobre a identidade negra, que desenvolveremos no capítulo 2 desta pesquisa.

Nesse processo, é importante ressaltar que tivemos dificuldades em exibir o filme, pois a comunidade não tem energia elétrica e nem equipamentos adequados para uma boa exibição. Para a realização da mesma tivemos que agir coletivamente com a disponibilidade de todos.

Carregamos o computador um dia antes na casa de um estudante que tinha placa solar, e no outro dia assistimos o filme, nos organizando com o tempo de aula que é apenas 50min. Para a realização da atividade aproveitamos o momento que uma professora viajou, e assim utilizamos três aulas seguidas. Houve, portanto, um planejamento e uma articulação com a colega docente semanas antes para que ela cedesse mais aulas e, assim, conseguíssemos assistir ao filme e realizar as atividades de aprofundamento posteriores.

1.5 - Problemática da pesquisa

O audiovisual possibilita estimular os sentidos humanos, visão e audição, ao utilizar som e imagem para transmitir mensagens. Pode ser usado para educar e reeducar o olhar de forma crítica e criativa. Trabalhar o cinema em sala de aula é de suma importância para o ensino e aprendizagem dos estudantes. E mesmo diante das dificuldades pela falta de estrutura, como inserir essa prática de assistir filmes na escola? O trabalho com o filme “Quilombo”, de Carlos (Cacá) Diegues, na escola Calunga I Extensão: João de Deus traz aspectos que vão além da interpretação do filme pelos estudantes. Identificamos que é um ponto de partida para a análise da formação da identidade quilombola da comunidade, na qual seus antepassados trazem origem, reafirmando o pertencimento a esses povos, mas não é formalmente considerada como território quilombola. Assim quais os impactos e contribuições o filme “Quilombo” pode causar para os estudantes?

Objetivo geral:

Investigar qual a relevância, possibilidades e resultados da utilização do audiovisual no ensino de história sobre a realidade kalunga na comunidade São José, Cavalcante-GO.

Objetivos específicos:

- Investigar como utilizar o audiovisual no ensino de história de forma crítica, mesmo em condições de difícil infraestrutura, como, por exemplo, ausência de energia.
- Pesquisar diferentes possibilidades pedagógicas interdisciplinares com uso do filme “Quilombo”, de Carlos Diegues.
- Debater o pertencimento à identidade quilombola com um grupo de estudantes da comunidade São José, Cavalcante-GO.

CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 - Cinema e educação

De acordo com Bernardet (1980), o cinema surge sob o domínio do capitalismo com a revolução industrial. Pela máquina cinematográfica, em quase todos os países europeus e nos Estados Unidos no final do século XIX, as imagens em movimento adquiriram forma. E ressalta não era uma arte qualquer, reproduzia a vida tal como é – pelo menos essa era a ilusão.

Bernardet (1980) salienta também, ao analisar o impacto do cinema nas ideias de transformação social, sobre a existência do Cinema Novo no Brasil na década de 60. Já em 1964 ou mesmo antes, são feitos alguns filmes no Brasil abordando as questões sociais, como “Vidas Secas” (Nelson Pereira dos Santos, 1963), “Deus e o Diabo na Terra do Sol (Glauber Rocha, 1964), “Os Fuzis” (Ruy Guerra, 1964) e outros. Nesse movimento, forma-se também o cineasta Cacá Diegues, que em 1984 fará o filme “Quilombo”, aqui analisado. Assim, de acordo com Napolitano (2013, p. 11), “o cinema pode ser considerado uma nova linguagem centenária, pois apesar de haver completado cem anos em 1995 a escola o descobriu tardiamente”.

Autores como Napolitano compreendem que o cinema não foi pensado para a sala de aula, nem para a classe trabalhadora, o que fazemos é utilizar essa ferramenta a nosso próprio favor. Assistir televisão, ir ao cinema ou ver um vídeo na internet e em outros meios tornaram-se parte integrante da vida contemporânea, assim, utilizar essas práticas diárias dos alunos associada à metodologia da escola de maneira pedagógica pode contribuir com a qualidade da educação no meio escolar.

Almeida explica a utilização do cinema na educação:

[...] é importante porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados. (2001, p. 48 apud NAPOLITANO, 2013, p.12).

Da mesma forma Kochhann e Rezende apontam que “a relação cinema-educação se faz presente uma vez que pensamos a educação como algo muito maior do que aquilo que acontece nas nossas salas de aula e cinema muito maior do que acontece nas telas” (2016, p. 24). As autoras também salientam que o cinema na educação pode ser trabalhado para nossa realidade do dia a dia, pois ele possibilita discutir, avaliar, pesquisar e criar.

Nesta mesma linha, como educadores precisamos pensar os direitos que os estudantes têm sobre o uso do cinema na educação e de outras modalidades. Como corrobora Martins et al.,

É um direito das crianças e dos jovens e um dever dos educadores e da escola possibilitar-lhes a oportunidade de vivenciar experiências estéticas, conhecendo outro tipo de cinema, que lhes agucem a sensibilidade e estimulem mudanças nas formas de olhar, de pensar, de sentir, de tocar e de se relacionar com o mundo. (MARTINS et al., 2010, p. 35).

O cinema, quando utilizado na educação de uma forma crítica, estimula o conhecimento e é importante para a formação humana. Cunha e Sobral (apud Kochhann e Rezende, 2016, p. 46) asseveram que “a possibilidade de utilização do cinema, na sala de aula, tem qualidades para propiciar prazer integrando-o ao processo de ensino e aprendizagem”. Em linhas gerais é formidável que o mediador aponte caminhos e não o utilize em atividades de caráter obrigatório ou simplesmente ilustrativo de determinado conteúdo.

Isso concerne à capacidade do filme em contribuir com o ensino-aprendizagem, e instigar o processo educativo crítico dos alunos, como aponta Napolitano: “não se trata de delimitar a criatividade dos alunos-espectadores ou desestimular as várias leituras válidas de uma obra cinematográfica, mas estabelecer alguns parâmetros de análise com base nos objetivos da atividade.” (2013, p. 82).

Assim, é importante pensarmos o lugar do cinema de criação na educação que humaniza e educa a visão crítica do sujeito.

A relevância do cinema na construção de uma subjetividade é tão forte que, segundo Xavier (1983), a relação filme/expectador evidencia privilégio às tentativas de caracterizar, discutir, avaliar a experiência audiovisual oferecida pelo cinema que, com suas imagens e sons, torna-se atraente e legível, de modo que consegue a mobilização poderosa dos afetos e se afirma como instância de celebração de valores e reconhecimentos ideológicos nas pessoas. (KOCHHANN e REZENDE, 2016, p. 25)

As autoras observam também que o cinema para consumo e alienação está presente no nosso dia a dia, com produtos que estão cada vez mais acessíveis à população. “A arte cinematográfica como cultura de massa e indústria cultural com o objetivo de alienação é muito forte nas sociedades capitalistas, principalmente em países com pouco desenvolvimento”. (KOCHHANN e REZENDE, 2016, p. 63).

Em oposição a isso, no ponto de vista de Martins et al. (2010, p. 46), “o cinema que não é puro consumo, mercado e indústria cultural, inventa e reinventa, acolhe e interroga, apresenta e representa o mundo, o humano, o desumano, as culturas, a história e as histórias”. É esse tipo de cinema que adotamos a trabalhar e estudar, para dar sentido à vida fora e em sala de aula.

De forma complementar, temos outra definição de cinema, com ênfase em seu aspecto criativo, que dialoga com nosso interesse:

O cinema de criação é expressão, é linguagem, é manifestação estética. É uma forma de dizer a vida, de falar e mostrar a vida. É uma forma particular de dizer o mundo, de dizer do mundo, de expressar e de inventar o mundo. O cinema é narrativa. Nele estão “sentimentos do mundo”, aproximando-se da expressão do poeta. Por isso e muito mais deve estar presente nos processos educativos escolares. (MARTINS et al., 2010, p.46)

Essa definição reforça ainda mais o trabalho com o cinema em sala de aula, e a possibilidade do mesmo em uma escola do campo. A escola muitas vezes é o centro da comunidade, pois é lá que as crianças, jovens e pais veem o caminho para o futuro. Trabalhar o cinema na sala de aula como criação pode ser uma grande contribuição no campo cultural, assim como outras modalidades que despertam o olhar crítico dos estudantes.

Nesse sentido ressalta Napolitano:

Trabalhar o cinema na sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e 'difíceis', os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar. (2013, p.11-12).

O cinema na educação pode ser o reconhecimento da bagagem que os estudantes já têm sobre qualquer tema, e uma das formas de desconstruir algumas atitudes arraigadas nos jovens. Santos (2009, apud KOCHHANN e REZENDE, 2016, p.101) afirma que “nossa função principal como professores é de gerar questionamentos, dúvidas, criar necessidades e não apresentar resposta”. Assim, desafiando aos estudantes a buscar e construir respostas.

Costa (2013) pondera a importância do prazer pelo cinema, na qual já fazem parte do dia a dia dos estudantes e professores, assim sendo utilizado para aprendizado. A autora também orienta alguns pontos sobre o cinema em sala de aula, destacando como usar essa ferramenta e a necessidade de preparação, Costa (2013, p.109) afirma que o “educador deve assistir ao filme e interar-se da obra antes de apresenta-lá” para utilizar um filme na sala de aula.

Embora haja utilização de filmes como ilustração de um conteúdo ou mesmo como conhecimento em si na sala de aula, são táticas que pouco contribuem para a formação crítica dos alunos, pois não geram uma reflexão crítica e positiva nos mesmos ao contrário, podem estimular uma visão estática da história, e a aprendizagem se esgota. Como mediador cabe adaptar o filme para o processo de aprendizagem e despertar para os problemas sociais representados.

“Todo filme é uma representação encenada da realidade social e todo filme é produto de uma linguagem com regras técnicas e estéticas que podem variar conforme as opções de seus realizadores” (NAPOLITANO, 2013, p. 12). Assim está colocada a ideia de que todo filme traz uma visão de mundo que estrutura sua representação da realidade, e cabe aos educadores planejar para mediar e construir crítica e aprendizado sobre os filmes no ensino.

Em síntese, Martins et al(2010) apontam algumas especificidades que as escolas do campo enfrentam tais como as salas de aulas e sua falta de

equipamentos, que se tornam cada vez mais difíceis e precários do que as das metrópoles. Assim, exigindo esforços individuais e coletivos dos professores, da comunidade e órgãos, para superar os limites e possibilitar que as crianças, jovens e adultas tenham acesso ao cinema na escola e entorno. E complementa (2010, p. 43), “nesse sentido, pensar na criação de cineclubes nas escolas, por exemplo, para toda a comunidade local seria uma iniciativa muito significativa para a vida cultural da comunidade”.

2.2 - Cinema e história

Machado (2015, p. 15) revela-nos o processo histórico de inclusão da história pelo cinema, e o cinema pela história como algo intrínseco aos filmes: “a incorporação da história pelo cinema foi imediata. Tão logo surgiu, em 1896, o cinema começou a relatar acontecimentos históricos ocorridos em tempos remotos ou recentes.” De acordo com o autor, muitas obras nesse período histórico, como o caso de Dreyfuss e história de Joana D’Arc de George Meliés, e outras ganharam o mundo logo nos primeiros dez anos de cinema. Contudo havia uma necessidade de aprofundamento:

A incorporação do cinema pela história vai ocorrer, finalmente, após a segunda Guerra Mundial, quando os historiadores vinculados à chamada Nova História (*Nouvelle Historie*) vão enfatizar a necessidade de integrar “novos problemas, novas abordagens, novos objetos” ao estudo da disciplina. (Machado, 2015, p. 16)

O autor conceitua a incorporação do cinema e história, e ambas tem uma contribuição relevante para a construção das práticas de ensino no mesmo. Assim, alinhamo-nos para a discussão sobre cinema e história em sala de aula, em que Napolitano ressalta o uso do cinema para o tratamento dos temas históricos e, contraditoriamente, o fato de que o cinema revela muito sobre a sociedade que o produziu.

História é uma das disciplinas mais afeitas de atividades com o cinema. O chamado “filme histórico” é um dos gêneros mais consagrados na história do cinema mundial. Geralmente, o filme

histórico revela muito mais sobre sociedade contemporânea que produziu do que sobre o passado nele encenado e representado. (NAPOLITANO, 2013, p. 38)

Nessa perspectiva do autor, cabe ressaltar que os filmes históricos ao debaterem sobre os problemas sociais retratados na sociedade contemporânea contribuem na formação e interpretação das questões sociais vividas no país ou no mundo, até mesmo na comunidade local, acarretando uma identificação com a obra e o meio inserido. Outra questão que cabe refletir é que a disciplina de história passa por algumas questões problemáticas tais como ser considerada massacrante por diversas razões, o ensino conteudista, a falta de material didático e equipamentos que possibilite a inclusão do filme histórico, principalmente na Educação do Campo, cujo acesso se torna escasso. Como pensa Martins et al. (2015, p. 42) “se comparamos às grandes metrópoles, nas quais ainda existem algumas salas de exibição de cinema, o acesso de crianças e jovens ao cinema de criação é ainda mais difícil e penoso”.

Por isso, a importância de aguçarmos os nossos olhares e dos estudantes para o cinema no ensino de história, para que haja uma ligação de significados e prazeres pelo mesmo, quebrando a regra decorativa de datas. Nesse caso, precisamente, os filmes históricos tendem a estabelecer uma relação com os estudantes para gerar questionamentos, críticas e diálogo próximo da realidade. Que ao longo do tempo constrói uma consciência histórica na prática, no diálogo com a natureza e sociedade.

Para contribuir com este debate, Marilena Chauí descreve a memória e a contextualiza como parte da história.

Como consciência da diferença temporal – passado, presente e futuro -, a memória é uma forma de percepção interna chamada introspecção, cujo objeto é interior ao sujeito do conhecimento: as coisas passadas lembradas, o próprio passado do sujeito e o passado relatado ou registrado por outros em narrativas orais e escritas. (CHAUÍ, p.159, 2000)

A história está ligada aos conhecimentos referentes ao passado da humanidade, com referência de um povo, país, conflitos e outros. Chauí afirma que “além dessa dimensão pessoal e introspectiva (interior) da memória, é preciso

mencionar sua dimensão coletiva ou social, isto é, a memória objetiva gravada nos monumentos, documentos e relatos da História de uma sociedade”. (CHAUÍ, 2000, p. 159).

Trazendo esse debate para a educação, cabe lembrar que a história enquanto área do conhecimento se associa com a história de vida, com os sujeitos construtores da história e com a disputa pela escrita da história. O cinema e história em sala de aula, portanto, traz essa ligação da história com o sujeito.

Ramos e Silva apontam que “a educação deve manter o passado vivo, mas só o conseguirá alimentando o exercício de uma memória prospectiva e crítica, consolidada no dialogo entre diferentes modos de recordar” (2011, p. 76). Os autores compreendem que ao lembrar esse passado, buscamos o porquê das consequências futuras e os resultados que vivenciamos hoje.

O ensino de história nas escolas, na maioria das vezes, não trabalha a realidade do estudante, como se observa nos livros didáticos que, em sua maneira de escrever, colocam um lado em detrimento do outro, camuflando a verdadeira história em seus conflitos e contradições. “O ensino de história pode ser por vezes, restrito a um cansativo memorizador de datas e nomes, fazendo com que boa parcela dos alunos não se sinta motivada a aprender” (KOCHHANN e REZENDE, 2016, p. 27).

Nessa perspectiva, entendemos que o uso de novas modalidades de comunicação podem ter uma importante contribuição e gerar interessantes práticas pedagógicas: “Vários meios de comunicação de massa, principalmente a TV e o cinema, são instrumentos importantes e que podem ser usados no ensino de história, fazendo assim com que os alunos sintam-se motivados” (KOCHHANN e REZENDE 2016, p. 27). As autoras ressaltam que o uso do audiovisual não descarta o uso de leitura histórica, mas acrescenta na formação de maneira complementar.

O cinema em história na sala de aula pode contribuir na formação, refletindo um ensino mais motivador e menos autoritário. Cabe ressaltar que os meios de comunicação estão em toda parte e estão chegando às escolas do campo. Como mediadores, nos cabe orientar os estudantes a um uso destes meios significativo e produtivo para a vida.

Entendemos, portanto, que o cinema pode colaborar para auxiliar na compreensão do ensino de história e no pensamento crítico dos estudantes. Assim,

um dos desafios neste trabalho com o audiovisual em sala de aula foi desenvolver o processo de ensino e aprendizagem para desapegar das dinâmicas de memorização e possibilitar reflexões críticas acerca da realidade.

O uso do cinema pode ser uma metodologia de aprendizagem significativa de um professor holístico, desde que seja trabalhada a construção de significados para o aluno, que instigue a sua criticidade, autonomia, sua sensibilidade, que perceba sua arte contida no filme, possibilitando a transformação do indivíduo e da sua maneira de enxergar o mundo. (KOCHHANN E RESENDE, 2016, p.110)

Para isso, é necessária uma preparação do professor para orientar e instigar o aluno a ter uma visão questionadora sobre cada filme, o que estimulará os jovens à curiosidade com aproveitamento expressivo do processo educativo. Como educadores, devemos utilizar os filmes para gerar questionamentos e não respostas pré-fabricadas nos estudantes (KOCHHANN e RESENDE, 2016). Assim, quando trabalhamos com o cinema em sala de aula, devemos pensar qual é a verdadeira representação da realidade que emerge do filme e sua relação com os conflitos e contradições da sociedade contemporânea, partindo do contexto local.

2.3 - Algumas considerações acerca da Educação do Campo e identidade quilombola

Neste subcapítulo abordaremos algumas considerações sobre a Educação do Campo e a identidade quilombola.

2.3.1- Educação do Campo

Eu quero uma escola do campo que tenha a ver com a vida da gente, construída e organizada coletivamente. Eu quero uma escola do campo onde o saber não seja limitado que a gente possa ver o todo e possa compreender os lados...

(Canção “Construtores do futuro”, Gilvan Santos)

A Educação do Campo surgiu do processo de luta dos movimentos sociais com o objetivo de formar educadores do/no campo, professoras/es assentadas/os da Reforma Agrária, indígenas e quilombolas para contribuir na construção de formação dos sujeitos do campo. Nesse contexto, Caldart (2010, p.95), afirma que a licenciatura em Educação do Campo “é um novo curso de graduação, que vem sendo implantado desde 2007 pelas universidades, com o apoio do Ministério da Educação, voltado especificamente para educadores e educadoras do campo”.

Caldart, et al. (2002, p.22) corrobora que “o nome ou expressão educação do campo já identifica também uma reflexão pedagógica que nasce das diversas práticas de educação desenvolvidas no campo e ou pelos sujeitos do campo”. Uma síntese de seu surgimento, dentro do contexto de lutas sociais dos povos do campo, é apresentada por Molina e Sá:

Como consequência das demandas apresentadas pelos movimentos sociais e sindicais, no documento final da II Conferência Nacional de Educação do Campo, realizada em 2004, o Ministério da Educação (MEC), por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi), instituiu, em 2005, um grupo de trabalho para elaborar subsídios a uma política de formação de educadores do campo. Os resultados produzidos neste grupo de trabalho transformaram-se no Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo (Procampo). (MOLINA e SÁ, 2012, p.468).

Além das licenciaturas em seu sentido imediato da formação de professores para as escolas do campo, Caldart ressalta que a LEdoC tem objetivos mais amplos:

A LEdoC foi vista como uma possibilidade objetiva de provocar debate sobre a necessidade de transformação na escola, em vista de outros objetivos formativos desde seu acúmulo de discussão pedagógica e as matrizes da tradição de educação emancipatória que carregam e têm tentado levar educadores do campo, desde suas próprias atividades de formação. (CALDART, 2010, p.100.)

O curso é ofertado em 42 instituições, sendo que sua metodologia é voltada para habilitar educadores para atuar nas escolas do campo, gestores escolares e gestores de processos organizativos nas comunidades. É organizado por área de conhecimento na habilitação dos docentes, na construção dos sujeitos da classe trabalhadora, integrando a escola ao trabalho e à vida comunitária, ou seja, “pensar em uma escola que integre o trabalho com o conhecimento aos aspectos mais significativos da vida real de seus sujeitos”. (MOLINA e SÁ, 2012, p. 472).

As autoras compreendem que a prática educativa da LEdoC é diferenciada, pois se fundamenta na formação humana, trabalha com a realidade do campo, e exigem dois momentos na formação, o momento de tempo comunidade e tempo universidade. O currículo trabalha desta forma a alternância, tornando os sujeitos mais produtivos e vinculados com a comunidade, e constituído por organicidade e coletividade.

Possibilitam também trabalhar com outras modalidades, como o teatro e o audiovisual, por exemplo, na Educação do Campo, para assim construir uma escola emancipadora no processo de formação dos estudantes, trazendo exemplos como os objetos do conhecimento: a vida real, as potencialidades das pessoas e do seu território, a luta pela terra, os espaços da vida familiar, do trabalho, da comunidade são espaços de aprendizagens que podem ser explorados para o ensino das diversas áreas do conhecimento e de se relacionar com os conhecimentos universais.

É importante ressaltar que a licenciatura só foi possível pela conquista de políticas públicas por uma Educação do Campo, como afirmam Taffarel e Molina:

As políticas conquistadas foram importantes: Programa nacional de Educação na reforma agrária (Pronea), residência agrária, licenciatura em Educação do Campo, entre outras, todas elas resultado de longos processos de negociação e disputa com o Estado. (TAFFAREL e MOLINA, 2012, p. 575-576).

Essas conquistas, como refletem as autoras, são resultados de processo de luta por direitos, para que camponeses, ribeirinhos, indígenas, quilombolas e outros, possam ter acesso à educação. Nesse sentido, Caldart ressalta que:

Quando dizemos por uma educação do campo estamos afirmando a necessidade de duas lutas combinadas: pela ampliação do direito a

educação e a escolarização no campo: e pela construção de uma escola no campo mais que também seja do campo: uma escola política e pedagogicamente vinculada á historia, à cultura, e às causas sociais e humanas dos sujeitos do campo, e não um mero apêndice da escola pensada na cidade; uma escola enraizada também na práxis da escola popular e da pedagogia do oprimido. (CALDART, 2002, p. 13).

Desta maneira a Educação do Campo está relacionada com vida do povo do campo, considerando a comunidade negra que vive no campo. Portanto, a Educação do Campo acompanha a luta por direitos desse mesmo povo, sendo assim nas escolas é direito estudar a educação afro-brasileira, e uma educação que esteja no local onde reside, como descrito no Projeto Político Pedagógico da Licenciatura em Educação do Campo na Faculdade UnB de Planaltina:

A luta principal da Educação do Campo tem sido por políticas públicas que garantam o direito da população do campo à educação, e a uma educação que seja no e do campo. *NO*: as pessoas têm direito a ser educadas no lugar onde vivem; *DO*: as pessoas têm direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com a sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais [...]. (PPP-FUP, 2009, p. 9)

Compreende-se que a Educação do Campo emancipadora, porém, não está em todas as escolas dos territórios do campo. Em algumas escolas, os trabalhos ainda estão sendo conteudistas e seguido por matrizes curriculares fora da realidade dos estudantes. Para superar estes limites algumas modalidades de ensino devem ser desenvolvidas dentro da escola do campo e rever os direitos constituídos na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e nas Diretrizes Operacionais de Educação Básica nas Escolas do Campo.

Conhecer o legado do educador Paulo Freire, que deu uma ampla contribuição como educador e escritor sobre a pedagogia da educação, conhecendo outros tipos de educação, permitindo realizar a educação no e do campo e grande motivador em nossas vidas, incentiva o caminho para o fortalecimento da educação e como ser na sociedade. E como educadores devemos pesquisar, motivar para a construção dos conhecimentos, e lutar pelos direitos. Freire destaca:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que - fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 1996, p. 29).

Chauí (2000, p.12) complementa a ideia de Freire no sentido de que precisamos ir além dos nossos pensamentos:

Não somos, porém, somente seres pensantes. Somos também seres que agem no mundo, que se relacionam com os outros seres humanos, com os animais, as plantas, as coisas, os fatos e acontecimentos, e exprimimos essas relações tanto por meio da linguagem quanto por meio de gestos e ações. (CHAUÍ, 2000, p.12).

Os autores afirmam que estamos em constante transformação, e como educadores é dever nos preparar e buscar uma formação que possa contribuir com a vida do povo utilizando os nossos conhecimentos na sociedade. Assim, tornar-nos com persistência um professor pesquisador e reconhecedor de seus direitos nos marcos estabelecidos pela luta do povo.

Nesta mesma linha, Molina (2012, p. 453) cita Chauí (1989, p. 20) e destaca “que a positivação de um direito refere-se à necessidade profunda de se estabelecer ou reafirmar a compressão coletiva de determinados valores para o conjunto de sociedade”. Assim, os povos do campo como o quilombola e o camponês, somados a toda a classe trabalhadora devem resistir às ameaças para evitar o retrocesso dos marcos legais. Sabemos que mesmo com os direitos à Educação do Campo, muitas escolas fecharam as portas.

2.3.2 - Identidade quilombola

Segundo Saraiva (s.d.), o estudo da história é complexo, pois não é apenas para entender o passado no presente, mas assumir uma reconstrução do passado

assumindo um compromisso com o presente. Assim, nós negros devemos reconhecer a nossa história para construir o presente, o que somos ao invés de nos apagar. Como descreve o pensador negro Abdias do Nascimento:

Nós, os negros, temos sido forçados a esquecer nossa história e nossa condição por um tempo demasiadamente longo. Por que ficarmos quietos, silenciosos, e perdoarmos ou esquecermos o holocausto de milhões sem conta - cem, duzentos, trezentos milhões? - de africanos (homens, mulheres, crianças) friamente assassinados, torturados, estuprados e raptados por criminosos europeus durante a escravidão e depois dela? Ou será que não devemos clamar nem reclamar, cooperando com os escravocratas de ontem e de hoje, já que para os europeus a escravidão constituiu o "passo necessário" à fundação e desenvolvimento do capitalismo, e sendo este a etapa obrigatória rumo ao "paraíso" socialista? Podemos ler as páginas da história da humanidade abertas diante de nós, e a lição fundamental que nos transmitem é de uma enorme fraude teórica e ideológica articulada para permitir que a supremacia ario-euro-norteamericana pudesse consumir sua imposição sobre nós; e seu dictate econômico, sócio-cultural, ideológico e político nos modelasse qual uma camisa-de-força inevitável. (NASCIMENTO, 1980, p.12)

Consideramos que a nossa identidade parte da reconstrução de nossas histórias e memórias da nossa ancestralidade e a desconstrução dessa mesma categoria contada na visão de branco. Nós negros estaremos lutando e construindo nosso posicionamento diante da imposição e das histórias contadas sobre nós, e afirmando que a nossa identidade importa.

Para isso, é fundamental a definição de identidade, que de acordo com as autoras Fernandes e Souza significa:

Identidade é algo em processo, permanentemente inacabado, e que se manifesta através da consciência da diferença e contraste com o outro, pressupondo, assim, a alteridade. Ou seja, "o sujeito se constrói a partir de marcas diferenciais provindas dos outros". Assim, a identidade é sempre construída em um processo de interação e de diálogo que estabelecemos com os outros. (FERNANDES e SOUZA, 2016, p. 4).

A partir desse entendimento, podemos dizer que parte da identidade também é a nossa história, quando buscamos o passado, e reconstruímos um tempo

histórico que revela quem somos e para que somos. Da consciência dela conseguimos um passo importante para nos emancipar como sujeitos.

Entretanto, vemos que a identidade é estereotipada com o intuito de inferiorizar, requerendo padrões de beleza a serem seguidos. Deste modo são atribuídos os fenótipos ao “corpo negro” como feio, escuro, cabelo ruim, que é diferente da beleza “verdadeira” exposta nos livros de história, nos filmes, nas revistas. Essa beleza é o “corpo branco”, que é visto como o puro, belo e sagrado.

Conforme Fernandes e Souza (2016, p. 6), "na sociedade brasileira, essa identidade foi formulada historicamente desde o período colonial, com base na inferiorização das diferenças impressas no corpo escravizado". Abdias do Nascimento complementa este raciocínio, ao refletir sobre a identidade relacionando ela com o pensamento branco eurocêntrico:

Não aceito o escapismo da "humanidade sem cor", que simplesmente nos conduz ao endosso de nossa alienação cultural/ racial, tão persistentemente patrocinada e advogada por aquelas idéias e ideais do supremacismo eurocentrista. Milênios antes que os europeus tentassem negar a África e os africanos através da desumanização escravista e da invasão colonial, com a simultânea negação de sua história e cultura, os negro-africanos se reconheciam como negros e não se envergonhavam de sua identidade concreta, muito pelo contrário, se orgulhavam dela. (NASCIMENTO, 1980, p.63-64).

Quando Abdias do Nascimento coloca sua crítica ao pensamento eurocêntrico, para além da teoria do conhecimento, ele problematiza conflitos concretos do povo negro e de sua identidade. Sabemos que a luta do movimento negro é constante por dignidade e uma identidade coletiva, onde “ser negro” nesse país custa caro. Os direitos e história da nossa ancestralidade são comumente violados e agredidos, ou nem reconhecidos. Igualmente, compreendermos enquanto mulheres que somos negras, kalungas, e, debater que o contexto histórico de reconhecimento da própria identidade passa por desconstruir os estereótipos e imposições de uma sociedade machista, sexista e racista.

Cabe entender que nessa construção do ser na sociedade, a nossa pele está sendo escondida com alguns estereótipos como “morena (o), claro” por causa dessa presença do racismo. Ao não atentamos para a jogada do embranquecimento como

controle social, e agirmos “naturalmente”, a consciência do negro (a) acaba sendo atingida e impede o pertencimento à identidade negra. A sociedade racista utiliza de muitos poderes, velados ou não, para entorpecer e aproveitar e usar a população negra como massa de manobra, e muito mais, como problematiza Nascimento:

(...) a miscigenação compulsória, que significa o embranquecimento forçado do negro como único meio de melhoria sócio-econômica; indo além do preconceito de cor, da discriminação e da segregação raciais, os supremacistas brancos e brancóides manejam simultaneamente outras ferramentas de controle social do povo negro, exercendo sobre ele constante lavagem cerebral, visando entorpecer ou castrar sua capacidade de raciocínio. (Nascimento, 1980, p.151).

Nesta perspectiva do autor, o controle social e as extorsões de direitos dos afro-brasileiros vão além da exploração do trabalho por um salário mínimo que rouba novamente com os impostos, mas manipula psicologicamente o ser humano. Como sermos chamados de menos capacitados por causa da nossa cor, do tamanho, do cabelo, e imposição da lógica racista de embranquecimento da mente já que a pele não tem jeito.

Aceitar a nossa identidade é o começo também para a desconstrução desse racismo. E o empoderamento do negro em todos meios, inclusive na educação, com a resistência e busca de mudanças ocupando os lugares de fala e organização política. Mesmo assim, notamos que está enraizado na sociedade, que nós devemos ocupar os cargos menores, manipulando a nossa intelectualidade e nossa existência. O momento de estar na universidade, de ocupar os espaços no teatro ou participar de qualquer movimento ter voz, já é um passo para tirar o nó na garganta e lutar contra as opressões de classe, raça e gênero.

Dentro dessa linha, existe uma concepção arraigada na sociedade de cultura do silêncio (FREIRE, 1970), que é abaixar a voz, e não falar. A nossa pele negra ficou silenciosa e ainda acontece nos dias atuais. Nas escolas nossa voz é a primeira a calar, e o corpo a sumir, como se não existisse nenhum negro dentro da sala de aula.

A cultura do silêncio invade o nosso corpo e apaga a nossa voz de uma forma inevitável e aos poucos vai apagando a nossa identidade. O não pertencimento à

pele negra para muitos se torna a saída, nesse processo o branqueamento já não atinge mais o corpo negro, mas a mente.

É possível identificar porque isso acontece como já dito acima sobre o racismo, disfarçado de democracia racial, de direitos. Com apenas discursos banais, colocando o negro cada vez mais inferior. A utilização dessas atribuições quando aceita apaga do povo a sua própria cultura afro-brasileira. Complementando o raciocínio de afirmação da própria identidade, Ferreira destaca:

A construção da identidade quilombola sempre caminhou em contraste com o sistema hegemônico. No caso dos africanos escravizados e forçosamente trazidos como mercadoria para o mundo colonial, a identidade negra foi sendo tecida como instrumento de afirmação das próprias origens, de sua ancestralidade e de seus saberes. (FERREIRA, 2012, p.649)

A identidade negra é conquistada desde a resistência dos primeiros povos a formar os quilombos, e fugir dos cativeiros. Ferreira aborda que “enquanto “negros fugidos” da escravidão, os quilombolas foram objeto de busca e captura por parte dos senhores de terras, das autoridades políticas provinciais e das forças policiais” (2012, p. 648). E continua afirmando que “quilombolas tornaram-se os seus habitantes, aqueles que se rebelavam com a situação de escravização e marginalização em que se encontravam, nela forçosamente inseridos” (idem, p. 648). E sua situação como trabalhadores era a de “explorados à exaustão, capturados e arrancados de seus territórios originários, comprados e vendidos como mercadoria.” (idem, p. 645).

É importante ressaltar que a identificação com o quilombo não algo dado aos seus moradores ou aos moradores de regiões próximas, também seus descendentes. É uma identificação que parte também do entendimento desse processo de luta e formação do território, como afirma Santos:

O quilombo reemerge, então, como símbolo de lutas dos negros (no passado e no presente), significado que vinha sendo construído pelo movimento negro brasileiro – o jornal O Quilombo, organizado por Abdias do Nascimento na década de 1940, e a eleição do dia 20 de novembro, data do assassinato do líder Zumbi dos Palmares, como Dia da Consciência Negra, são exemplos dessa construção pelo movimento social. (SANTOS, 2012, p.654)

O reconhecimento de ser quilombola, parte da nossa identidade, quando aprendemos o verdadeiro sentido do seu processo de luta, como Kalunga, esse nome faz parte da nossa ancestralidade, e da resistência que ocorreu contra a escravidão.

No território de Cavalcante-GO, mais conhecido como Kalunga, residem descendentes de pessoas que vieram forçadamente de outra região, devido à exploração das minas de ouro e mineração na região. A província que chamava-se Vila Cavalcante escravizava os negros. “[...] Os kalungas são oriundos de quilombos que se instalaram em áreas da chapada dos veadeiros desde o período colonial. Conta seu Cirilo, líder do povoado do Engenho que seu povo está na região há mais de 300 anos”. (CAVALCANTE, 2004, p 16).

Santos, complementa esse raciocínio de reconhecimento de identidade e valorização da memória de nossos ancestrais;

Os processos de reconfiguração identitária quilombola compreendem a reprodução das formas de existência, a transmissão de patrimônio cultural, a valorização da origem comum e dos laços sanguíneos, entre outros, de maneira que o grupo reconstitui e mantém sua memória do passado para (re) elaborar sua existência étnica no presente. (SANTOS, 2012, p. 656).

Em síntese, para reconhecer a identidade cabe valorizar as lutas dos e das guerreiros/as negros/as que lutaram e construíram os quilombos, que até nos dias atuais ainda é símbolo de resistência contra o crime escravista e contra a dominação do povo negro. Vincular a nossa identidade nos espaços em que vivemos é um dos avanços para não perdermos a história e memória do povo kalunga. É nesta perspectiva que buscamos refletir sobre a identidade quilombola em uma comunidade que seu reconhecimento não está estabelecido, construindo uma prática pedagógica em torno do filme “Quilombo” de Cacá Diegues, entendendo como ele analisa esse processo de identidade e outros fatores.

CAPÍTULO III: REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM SALA DE AULA A PARTIR DO FILME “QUILOMBO”

Este capítulo trata das práticas pedagógicas realizadas a partir da abordagem do filme “Quilombo” e sua relevância dentro da sala de aula. Iniciaremos o capítulo com uma análise fílmica da autora, que foi o passo inicial da preparação docente. Após isso, apresentaremos as práticas pedagógicas realizadas em sala de aula, analisando-as em seguida.

3.1 – Análise do filme “Quilombo”

O filme “Quilombo”, de Carlos Diegues, possui 119min57seg de duração, e é uma produção de Augusto Arraes, lançado no ano de 1984. Os principais atores do elenco são Antônio Pompêo, que interpreta Zumbi dos Palmares, o grande líder da resistência negra, Tony Tornado no papel de Ganga Zumba, além de Zezé Motta, Vera Fischer, Daniel Filho, Antônio Pitanga, João Nogueira, Jorge Coutinho, Grande Otelo e Mauricio do Valle interpretando o explorador Domingos Jorge Velho, entre outros.

A obra destaca seu caráter de ficção com figurinos exuberantes e a fotografia tende a ser colorida com uma predominância de diversas tonalidades e texturas, fazendo com que o telespectador se interesse ainda mais pela narrativa. A trilha sonora trouxe a música de Gilberto Gil e a ambiência sonora foi complementada com ruídos e efeitos.

O filme, Quilombo dos Palmares teve como líder Acotirene, que passou para Ganga Zumba, depois da rebelião nas plantações de cana de açúcar durante a guerra entre os portugueses e holandeses, um representante ligado a política, militar e religioso, comandante geral de Palmares de 1678 a 1695. Nas organizações prevalecia uma política autocrática, até então, antes de selar um acordo de tratado

de paz com os portugueses, que entregaria Palmares e enfraqueceria a luta pela liberdade.

O tratado foi nas condições do governador com os seguintes pontos, segundo Gomes (2005, p. 131):

A liberdade do negro nascido em palmares seria respeitada. Os palmaristas poderiam continuar mantendo trocas de mercantis com taberneiros, comerciantes e vendeiros da região. As terras que palmaristas iriam viver seriam agora demarcadas pela Coroa. Novos cativos que fugisse para Palmares deveriam ser imediatamente devolvidos para as autoridades coloniais e seus respectivos proprietários. A partir da assinatura daquele tratado, palmaristas passariam à condição de vassalos do rei. (GOMES, 2005, p. 131)

Acordos esses, manipulados, e entregue vidas de cativos que não nasceram em Palmares beneficiando os portugueses. Gomes afirma que “o próprio Ganga Zumba seguiu pra Recife a fim de selar o acordo, chegando lá é nomeado oficial do exercito português” (2005, p. 131). Os palmaristas dividem-se, Zumbi não aceita o acordo e alguns grupos permanecem estabelecidos nos mocambos, outros migraram para o Vale do Cacau, Ganga Zumba morre envenenado, o povo começa a voltar para os mocambos, quando não foram capturados ou permanecidos nas capitanias vizinhas. A guerra continuaria.

A liderança geral esta nas mãos de Zumbi dos Palmares que nasceu em Palmares. Foi capturado menino, levado para o padre Antônio, que o batizou seu nome de Francisco, este aprendeu o latim e o português, e aos 15 anos, fugiu para as montanhas na Serra de Palmares. Depois da morte de Ganga, e não apoiar o acordo, em 1678, torna-se o líder geral de Palmares, temia a escravidão, antes os escravos já se rebelavam contra os engenhos ateando fogos.

As tropas tinham pressa em destruir Palmares, pois desconfiavam da existência de negociações para derrubar os paulistas sob o comando de Domingo Jorge Velho, um bandeirante temido, que comandava um exercito com mestiços, brancos e índios com muitos soldados. Eles iniciam uma marcha, com armações, munições e canhões em direção a Palmares. Os Palmaristas fazem armadilhas para tentar impedir os ataques, e em duas tentativas os paulistas foram derrotados. Volta o combate com centenas de homens na tropa, e canhões, invadem e ateam fogo no

maior mocambo. Uma batalha sangrenta, muitos fugiram, outros foram presos e mortos. Como Dandara que se atirou no penhasco, para não ser escrava, mulher empoderada que lutou ao lado dos companheiros e não desistiu. Nesse processo Zumbi foge para mata, apesar de estarem em segurança, é entregue e assassinado. A luta continuaria com o líder Camoanga que se reuniu depois com os outros que fugiram na guerra.

O filme retrata a questão da escravidão e a resistência negra, depois dos europeus se apossarem do Brasil em 1500 e começarem a explorar a colônia. Os portugueses trouxeram negros da África para o trabalho escravo nas plantações de cana de açúcar, nas quais trabalhavam sem cessar, a custa do castigo brutal e de torturas, muitas vezes levando à morte. Alguns escravos conseguiam fugir do cativeiro, e formar comunidades livres em locais distantes chamados de quilombo. Nesta linha, Nodotti e Diegues (1984, p.19) apontam que no período da “segunda metade do séc. XVI, alguns escravos negros, fugitivos de plantações de cana de açúcar, fundaram nas montanhas do nordeste brasileiro uma republica livre a que foi dado o nome de Quilombo dos Palmares”.

Palmares cresce no meio do império colonial português das Américas, pois os negros que fugiam criavam vários mocambos, uma ação penosa no meio das matas, passavam dias sem comer na fuga em busca da liberdade, considerados por alguns índios invasores. Gomes (2005, p. 55) aponta que “aqueles situados e organizados em mocambos podiam ser considerados invasores”. Cabe ressaltar a relação dos indígenas com os quilombolas, para conhecer a história de Palmares. Nesse período os engenhos em Pernambuco e a exploração cresciam com a mão de obra escrava, também o tráfico negreiro, de acordo com Gomes (2005, p. 44) “o tráfico para o Brasil proveniente de Angola chegou a 150 e 50 mil de 1625 a 1670. Mas havia também o contrabando”.

O filme “Quilombo” foi filmado na Serra da Barriga no atual estado de Alagoas, na época seria parte da capitania do Pernambuco. Inocêncio (2010, p.136) complementa essa ideia apontando que

Quilombo foi lançado em um contexto significativo para o ativismo negro, pois naquela conjuntura a Fundação Pró-Memória, que se constituía em uma instância do Instituto nacional do Patrimônio

Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), atuava de forma competente, fazendo o levantamento de registros que culminou no tombamento da Serra da Barriga, nas imediações do município de União de Palmares, em Alagoas. (INOCÊNCIO, 2010, p. 136).

Na perspectiva de Inocêncio (2010, p. 136), o filme mesmo não sendo um documentário, aborda um conjunto da realidade na época da escravidão. Pode-se dizer que é uma obra com qualidades estéticas e históricas, que traz todos os elementos possíveis para uma análise e compreensão da escravidão e da luta. Observa também que ele tem uma relação muito forte com a formação das comunidades quilombolas existentes, que foram formadas por pessoas que foram escravizadas.

A película traz elementos significativos para o tempo presente, para que a comunidade negra não se esqueça da escravidão, da grande luta dos nossos antepassados, alertando também que nos tempos de hoje, só mudou a forma de escravizar, acompanhando a modernização. Cumpre a nós, negros(as) atuais, conhecer e honrar o sangue derramado por nossos antepassados, e manter e ampliar a cultura afro-brasileira de resistência ao genocídio.

Entendemos que a inclusão do audiovisual em sala de aula não deve ser utilizada para ilustrar atividades da disciplina discutidas em sala como representação do passado. Nosso papel como educadoras/es é trazer outro sentido à vida dos estudantes, para pensar, aprender, que seja um conjunto de transformações sociais e políticas. E é esse tipo de cinema que estamos tratando como afirma os autores abaixo:

O cinema de criação é um encontro com a alteridade. Portanto ao tratar o cinema apenas como um recurso auxiliar nos processos educativos, a escola está desperdiçando o potencial educativo, humano, artístico, ético e estético que o cinema pode proporcionar. (MARTINS et al., 2010, p.36)

Nesta mesma linha um marco importante, para a comunidade negra, que o filme representa é o dia 20 de novembro, dia da Consciência Negra, o dia que Zumbi dos Palmares foi assassinado, sendo a percepção e a essência de nós negros/os para reunirem e libertar das correntes os que não estão emancipados como

negros/as a terem consciência de sua própria história. Nosso objetivo com o uso do filme “Quilombo” em sala de aula era possibilitar aos estudantes terem uma visão crítica diante das histórias que são contadas sobre o povo negro, especialmente sobre suas origens. E entender também como a história é contada, percebendo assim, a contradição do sistema que impõe uma ideologia política e social ligada às classes dominantes.

Alega Inocêncio no livro “Outras terras à vista” que

O filme Quilombo também representa um marco na cultura brasileira, visivelmente entorpecida pelas ideias da historiografia oficial, as quais sistematicamente procuraram desqualificar as lutas populares no Brasil. a chamada “revisão do ensino de História” é um fenômeno recente na cultura brasileira se levarmos em consideração que, até no regime autoritário em 1984, as limitações impostas por uma interpretação excludente e elitista da história eram enormes. (INOCÊNCIO, 2010, p.138)

Cabe destacar que, à presença de negros no cinema é ainda bastante limitada, e quando os papéis lhes são destinados entram em estereótipos ou inferiorizados na divisão do trabalho: as/os empregadas/os, o negão, a sensualização da mulher tratada como objeto sexual (“boazuda”), que “gosta de um pagodinho”, e outros estereótipos atribuídos a representação do negro (a) retratado no cinema. E “Quilombo”, por outro lado, é um filme com um cenário de negros. Deste modo até hoje lutamos para que o nosso lugar enquanto parte integrante desse país seja reconhecido.

O uso do filme “Quilombo” nas práticas pedagógicas pode ser cabível desde que os estudantes estabeleçam uma relação humana e crítica com a obra, através do diálogo e atividades propícias. Inocêncio (2010 p.146) complementa que “é oportuno nos remetermos ao filme “Quilombo” para, a partir dele, enfrentarmos o desafio de abordar um determinado momento histórico, estabelecendo algumas conexões entre ele e certas questões contemporâneas”.

3.2 – Práticas pedagógicas em sala de aula com o filme

Em minha análise das aulas da disciplina de história, percebi a necessidade de inclusão do audiovisual no conteúdo de história do 8º ano do ensino fundamental. No ano de 2017 debatemos na escola sobre o processo de escravidão no Brasil, e nesse momento foi quando sugeri de assistirmos o filme “Quilombo” de Cacá Diegues que tratava dessas questões sociais ocorridas na época.

Em meu plano de aula, assumi um caráter interdisciplinar, pois a inclusão do audiovisual ocorreu no ensino de história e artes, na carga horária de sete aulas de 50min com os seguintes conteúdos curriculares: História Afro-Brasileira, o ser quilombola e o filme “Quilombo”.

A ligação com a realidade local e o inventário se deu por tratar da temática do ser quilombola dentro da sala de aula, com o uso do filme “Quilombo” para estudantes conhecedores da história real, e valorizar sua identidade de ser quilombola na comunidade, portanto, o uso do audiovisual na construção dessa identidade.

Como objetivo geral, assumi o enfoque na luta quilombola e a construção de uma identidade positiva da comunidade que é remanescente de quilombolas. E como objetivos formativos: de acordo com o conteúdo de História Afro-Brasileira, com épocas retratadas com vínculos voltados para a realidade, a construção de textos críticos e somado a isso trabalhar com a arte desenhos com base nos debates e no filme. Valorizando desta forma a leitura, a escrita e a prática artística no processo de ensino-aprendizagem.

Assim, construí o seguinte detalhamento de aula:

Data da aula	Conteúdo Curricular	Como: Forma trabalhada
29/01/2018 2 aulas de 50min	História da formação de quilombo	Introdução do tema e retomada sobre a história da formação de quilombos com base nos conhecimentos prévios e já debatido no

		<p>ano anterior na disciplina de História no 8º ano do ensino fundamental. E anotações na lousa do processo histórico e debate.</p>
<p>30/01/2018 3 aulas de 50min</p>	<p>O ser Kalunga Desenho desse ser na comunidade</p>	<p>Levantamento dos conhecimentos prévios dos estudantes sobre o que é ser Kalunga.</p> <p>O que entendem sobre cinema? Assistem que tipos de filme? Qual é a frequência?</p> <p>Fiz algumas perguntas e deixei livre o debate. Como valorizar esse processo histórico de resistência e cultura, mesmo que a comunidade ainda não é registrada, mas sabemos que somos descendentes de quilombolas? Construção do desenho em grupo.</p> <p>Para finalizar, avaliação final, oral e escrita: como foi a aula, pontos positivos e negativos e aprendizagem.</p> <p>Atividade para casa: finalização do desenho em grupo.</p>
<p>31/01/2018 3 aulas de 50min</p>	<p>Filme Quilombo</p>	<p>Ficha técnica</p> <p>Nome do filme: Quilombo</p> <p>Direção: Cacá Diegues</p> <p>País: Brasil e França</p> <p>Ano: 1984</p> <p>Duração: 119min.</p> <p>Produção e distribuição: CDK e Embrafilme</p> <p>Público-alvo: 9º ano do ensino</p>

		<p>fundamental</p> <p>Cuidados: Violência</p> <p>Abordagens: A formação do Quilombo dos Palmares e a resistência dos negros ao governo e senhores de engenho. A organização da sala. E o uso do computador para exibição.</p> <p>Momento de exibição e anotações.</p>
01/02/2018 2 aulas de 50min	Filme Quilombo Debate	<p>Discussão do filme com base em algumas perguntas: algum elemento do filme não compreendido? O que mais gostaram? O que aprenderam? Os elementos do filme, personagens, imagens e músicas. Comparação das cenas com a realidade. A postura crítica na exposição da forma criada pelo autor na construção do filme, o que deixou a desejar? E revisão de cenas.</p>
06/02/2018 2 aulas de 50min	Filme Quilombo Atividades	<p>Atividades escritas em grupo sobre o filme, com base nas questões abaixo adaptadas de Marcos Napolitano. Essas questões foram dadas aos estudantes após dividi-los em grupos, depois do debate crítico em sala.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Qual o tema do filme? O que os realizadores tentaram nos contar? Eles conseguiram passar a sua mensagem? Justifique sua resposta. 2- Você assimilou/ aprendeu alguma coisa com este filme? O quê? 3- Algum elemento do filme não compreendido?

		<p>4- Do que você mais gostou neste filme? Por quê?</p> <p>5- Selecione uma sequência protagonizada por um dos personagens do filme, analise e explique qual a sua motivação dramática, e o que a sua motivação dramática tem a ver com o tema do filme?</p> <p>6- Qual é o seu personagem favorito no filme? Por quê?</p> <p>7- Qual é o personagem de que você menos gostou? Por quê?</p> <p>8- Descreva o uso da cor do filme. Ele enfatiza as emoções que os realizadores tentaram evocar? Como usaria a cor no filme em questão?</p> <p>9- Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros (verossímeis)? Descreva as cenas que você achou especialmente bem coerentes e fiéis à realidade. Quais as sequências que parecem menos realistas? Por quê?</p>
		<p>As referências utilizadas durante as aulas foram a história da comunidade ouvidas pelos mais velhos, para debater o ser quilombola, a formação quilombola, pesquisa na internet com os estudantes em sala de aula, e conhecimentos prévios.</p> <p>Bibliografia consultada: NAPOLITANO,</p>

		Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. 5. ed., reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 83 e 84.
--	--	--

A reação dos estudantes assim que fiz a proposta inicial foi de empolgação, mas não conseguimos assistir neste mesmo ano, devido não ter ferramenta para a exibição e nem o próprio filme baixado no computador e nem energia elétrica na comunidade.

Então, em outro momento quando tive a oportunidade de ir à cidade, baixei o filme pelo celular e fiz a transmissão para o computador. Tendo o filme disponível, o próximo passo foi o planejamento da exibição.

Fiz primeiro a conversa com os estudantes, porém em janeiro eram dias de chuva, e as placas de energia solar descarregavam rapidamente. Um dos alunos se comprometeu de carregar o computador na casa de sua vó um dia antes. Articulamos assistir no dia 31/01/2018, pois uma professora estaria viajando, assim utilizaríamos três aulas de 50min.

Às vezes me preocupava em não conseguir exibir ou em não obter um resultado positivo, mesmo lendo alguns autores, especialmente Napolitano (2013) e com a orientação do professor orientador. Eu não tinha uma experiência do uso de audiovisual, que tom conduzir o debate, quais os cuidados com críticas, entre outras questões. Mas com as orientações que busquei, fui tendo consciência de que não era apenas transmitir o filme para cumprir o conteúdo, e sim um trabalho mais significativo com questões da realidade, que instigava o posicionamento crítico dos estudantes.

Deste modo, pensamos na arte também como foco, para dialogar e compreender os conflitos sociais que circulavam o filme, com percepções, emoções e ideias, com o objetivo de estimular esse interesse de consciência nos estudantes. Uma produção de desenhos pelos estudantes, sobre os saberes e cultura kalunga e as cenas que mais impactaram no filme (os resultados estão colocados como apêndice neste TCC) foi realizada com os seguintes passos: dividimos a sala em

grupos, para a construção, mediando fiz a sugestão de desenhos e os estudantes acataram. O que desenhar ficou para eles pensarem e criarem. Os grupos do desenho sobre “A dança arredor da fogueira” representava a cultura e comunhão que acontece no mês de Junho referente ao santo São João, e a fogueira à noite. O desenho sobre “Pontos históricos e culturais da comunidade” representa onde as pessoas se reúnem, a igreja em devoção do santo São José e outros santos, as casas das pessoas, o mastro e uma fogueira. A cultura e a localidade representada no desenho fazem parte da vivência e do ser kalunga da comunidade são José. Os estudantes conseguiram responder o ser kalunga através dos desenhos. Nos desenhos das cenas, a primeira representa Zumbi quando foi entregue e assassinado pelas tropas. A outra cena, Zumbi está terminando de subir a maior Serra de Palmares. Esses desenhos simbolizavam a luta e resistência de todos os quilombolas, refletindo na própria comunidade, que tem kalungas quilombolas no território, os estudantes também refletiram com esses desenhos a história, os saberes, as culturas que vieram de nossos descendentes que chegaram à comunidade.

Enfim, no dia 31, assistimos ao filme tão esperado por todos, antes analisamos a ficha técnica do filme e a data/contexto que o filme foi realizado, bem como organizamos a nossa pequena sala. Após assistirmos, conversamos sobre a importância do filme “Quilombo”, e debatemos através das questões dadas a eles, e deixei o dialogo desenrolar durante o debate depois do filme.

A primeira pergunta no debate depois do filme foi “porque Zumbi morreu? Não esperava esse fim, se Palmares era eterno”. Acostumados com filmes com final feliz, ou finais idealizados, mesmo sabendo do contexto da história os estudantes levantaram esse questionamento. Foi a oportunidade para retomar a história de Palmares, o processo de escravidão e a luta de resistência do povo negro.

Outro estudante seguiu em comentário parecido: “O final ficou sem fechamento, o primeiro líder morreu depois o Zumbi morreu, como assim?”. Retomamos ao final da cena e analisamos quem assumiu, sendo o próximo líder Camuanga. Todos concordaram que devia ter outro fechamento do filme, não terminar com a morte de Zumbi. Ficaram também curiosos em saber o que aconteceu com os povos que foram pelo mar no começo do filme, mesmo tendo dito que voltaria para sua terra. Outra questão que os mesmos levantaram foi à

autonomia de Ganga Zumba e Zumbi como líder fazer do jeito dele, e não ouvir o povo.

Identificaram também à variedade dentro do quilombo, com índios, negros, brancos marginalizados, e a coletividade entre eles. Chegaram a comparar com a comunidade onde vivem, falaram “a coletividade que o povo tinha antes e que está perdendo”. E citaram, a cena na qual Ganga tenta resolver um conflito entre os quilombolas por causa de alimentos. Um deles afirma que o milho teria sido pego em seu pedaço de terra e interrompe dizendo. “Eu nunca vi ninguém dizer meu pedaço de vento, meu pedaço de nuvem. O que a terra produz é de todos”.

Outro fato citado pelos estudantes: “é muito interessante no filme Palmares ter uma mulher na liderança como Acotirene idosa e estar comandando Palmares”. A outra foi “Dandara que foi guerreira até o final, resistiu para não voltar a ser escrava, pulou de um penhasco”. Os mesmos analisaram também o porquê de escravos estarem lutando contra Palmares, sendo obrigados, e outros eram capitães do mato, pensando também nas autoridades nos dias de hoje. Consideraram também a resistência dos negros em manter Palmares, e a fala de Zumbi no filme afirmava essa permanência: “Só é escravo quem tem medo de morrer”. Essas respostas foram citadas por quase todos.

Muitos ainda adotaram clichês e ficaram se perguntando “por que os brancos queriam a terra (Quilombo dos Palmares) se havia muitas terras nesse Brasil”. Com isso, relembremos o processo de exploração dos portugueses, analisamos a primeira cena do filme depois da rebelião os negros fogem para o quilombo, lugar que se tornaria a resistência deles. Era certo que os dominantes da época queriam explorar e escravizar os negros e, com esse gancho, dialogamos sobre os dias atuais nas relações entre patrão e empregados.

Uma reflexão mais elaborada surgiu de um estudante no final do debate: “no filme também mostra uma disputa entre Ganga e Zumbi, ao aceitar o acordo de tratado de paz. Isso pode acontecer até na nossa comunidade, mesmo estando lutando pelo um único objetivo. No final da guerra achei interessante que o menino que está cantado pergunta para Zumbi para quê servia a guerra? Pensando bem foi resultado da nossa identidade, mas Zumbi, não responde”.

Essas foram as falas interpretativas dos estudantes no debate. É importante ressaltar que os mesmos já haviam tido aulas antes da exibição do filme sobre a formação do quilombo, e que também trouxeram as questões sociais que sofremos diariamente por sermos negros, principalmente na cidade.

Os estudantes ao assistirem o filme com uma população de pessoas negras que aborda aspectos ocorridos anos atrás com mais veracidade, os mesmos identificaram, a formação do quilombo e a nossa história da comunidade. Os estudantes citaram a história que já foi escutada na escola e é transmitida oralmente sobre a história da comunidade. Os estudantes apontaram também a questão da comunidade não ser registrada como quilombola, mas são pessoas descendentes e a formação da comunidade se deu a partir de pessoas que vieram dos quilombos próximos.

Os estudantes puderam conhecer a história do maior quilombo, reconhecer as lutas e conquistas pela liberdade, e desconstruir algumas ideias que os livros sempre repassam “como a libertação dos escravos, escrito pela princesa Isabel”, e a camuflagem sobre a verdadeira história do povo negro.

E especificamente sobre a construção do filme, os estudantes gostaram do roteiro das cenas, das cores, das músicas de Gilberto Gil e dos figurinos. Como vemos, foi um debate muito rico e proveitoso. No encontro seguinte, trabalhei um exercício de aprofundamento nas questões levantadas, com base no roteiro adaptado das questões sugeridas por Marcos Napolitano (2013). Transcrevo aqui as perguntas e respostas:

1. Qual o tema do filme? O que os realizadores tentaram nos contar? Eles conseguiram passar a sua mensagem? Justifique sua resposta.

Estudantes: tentaram nos transmitir a história da formação do quilombo em Palmares, e a realidade de como era a vida dos negros antigamente. Pois era uma vida sofrida enfrentando guerras e outros.

2. Você assimilou/ aprendeu alguma coisa com este filme? O quê?

Estudantes: aprendemos que o quilombo não foi formado de apenas de negros africanos. Mas sim de diversas origens de povos e de linguagens diferentes, de comunicação e espiritual. E que nesse lugar todos eram iguais, e eles tinham

diversas formas de guerrear, montavam armadilhas de diversas formas para se protegerem e ganhar a guerra.

3. Algum elemento do filme não compreendido?

Estudantes: não entendemos a parte do grupo que foi para o mar, e também porque Zumbi dizia que Palmares era eterno.

4. Do que você mais gostou neste filme? Por quê?

Estudantes: gostamos da luta e da forma como Zumbi vivia, e da luta de todo povo negro.

5. Selecione uma sequência protagonizada por um dos personagens do filme, analise e explique qual a sua motivação dramática, e o que a sua motivação dramática tem haver com o tema do filme?

Estudantes: Dandara, porque ela foi uma guerreira, e lutou pelo seu povo, e sua resistência e coragem ao pular do penhasco.

6. Qual é o seu personagem favorito no filme? Por quê?

Estudantes: Zumbi dos Palmares, porque achamos ele muito grosseiro, e que lutou aos últimos momentos, sendo muito resistente.

7. Qual é o personagem de que você menos gostou? Por quê?

Estudantes: Domingos Jorge Velho, fez odiar, porque assassinava os negros.

8. Descreva o uso da cor do filme. Ele enfatiza as emoções que os realizadores tentaram evocar?

Estudantes: sim, um filme bem claro, que entendemos com facilidade. Através da musicalidade e do enredo.

9. Todos os eventos retratados no filme são verdadeiros (verossímeis)? Descreva as cenas que você achou especialmente bem coerentes e fiéis à realidade. Quais as sequências que parecem menos realistas? Por quê?

Estudantes: Acreditamos que não. As sequências que mais parecem realistas são a formação do quilombo e as lutas de resistência de todo povo. E as menos realistas são muitos momentos festivos no meio da guerra.

Para analisarmos essas questões descritas, partimos para um debate geral em sala, em que fizemos uma revisão sobre a formação do quilombo e a diversidade de pessoas que havia lá por serem excluídos da sociedade. Debates sobre as questões críticas das condições em que o povo negro vivia e era tratado pelos brancos. Apesar de ter pessoas não negras, excluídas da sociedade no Quilombo dos Palmares, as lutas em busca da liberdade eram dos negros.

Seguindo para a outra questão como elemento não compreendido, “porque uns grupos de pessoas foram pelo lado do mar?” e “porque Zumbi era eterno?”, analisamos o processo histórico dos navios negreiros com a desterritorialização do povo negro de sua terra, do continente africano e essa volta para o mar, era para sua terra. Em seguida para compreendermos o porquê que Palmares é eterno, refletimos sobre as lutas históricas de nossos ancestrais, que depois de Zumbi teve outros líderes, e a luta ainda continua pela liberdade e direitos. Pensamos em nosso território Kalunga e em outros quilombos que representam a eternidade de Palmares. Nas outras questões debatemos sobre os personagens, que os estudantes repudiaram por assassinar os negros, e outros personagens como Dandara, que representa o empoderamento e a luta da mulher negra, e Zumbi dos Palmares, por serem resistentes na luta. Sobre a trilha sonora do filme, composição de Gil, precisamente a letra teve significado para as cenas, e para o povo negro. Em outras aulas pretende-se utilizar a música no ensino de história, com uma interpretação crítica e construtiva, pois é um desafio pensar como utilizar a música no ensino.

Depois de ler o livro de Napolitano, (2013), encontrei este questionário acima, que usei e adaptei de acordo com a realidade inserida. Estes foram aplicados um dia antes da exibição do filme, para que fossem refletidos. Mas só responderam depois de assistirem à obra. Dividimos em grupo as perguntas, e depois da transmissão, os estudantes ficaram para responder em casa e na aula de história que tínhamos depois. Na aula estimei alguns pontos centrais do filme, como a formação de Palmares, os conflitos e outros. Porém, percebi que tiveram dificuldade em transcrever as ideias para o papel, as respostas não foram muito pontuais. Então, a partir daí surgiu a alternativa de recriar o cinema através da arte. Depois de responder os grupos socializaram as perguntas buscando dialogar sobre os temas para compreendê-los melhor. E em outra aula, fizeram os desenhos como síntese final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve o intuito de contribuir com a educação dos jovens da Escola Calunga I João de Deus, no campo, com a temática do uso do audiovisual no ensino de história, com foco no filme “Quilombo” de Cacá Diegues. A mesma foi realizada com alunos do 9º ano do ensino fundamental, que foi observado e incluído o uso do audiovisual no ensino de história, para colaborar com a formação dos educandos.

O trabalho implicou na inclusão do audiovisual e nas análises de aprendizagem dos estudantes que desenvolveu a partir dessa prática pedagógica, sendo relevantes as questões trazidas para a realidade da comunidade, como resistência, luta dos antepassados e a construção de identidade, da cultura e dos saberes. Assim, a pesquisa apresenta dados sobre o contexto e metodologia do trabalho de campo desenvolvido, cinema na educação e em história, à identidade quilombola e Educação do Campo.

No entanto, por ser uma comunidade com difícil acesso e pouca modalidade de ensino, enfrenta vários problemas por falta de políticas públicas e atenção governamental. Há também pouco apoio para a educação, tanto com a falta de equipamentos que ampare os educadores, bem como o acompanhamento frequente da gestão.

Esta pesquisa nos revelou também que é possível a inclusão do audiovisual no ensino de história, mesmo em uma comunidade com dificuldades de infraestrutura, para despertar o processo crítico dos estudantes e fazer refletir acerca de sua própria identidade. Como mostramos na pesquisa, o filme “Quilombo” trouxe questões da realidade da época que instigaram os estudantes a observar a sua própria realidade de forma crítica. Fez valorizar a história da nossa própria comunidade no diálogo e reafirmação de que somos descendentes de quilombolas e estamos no território Kalunga.

No caso da utilização do filme “Quilombo”, pode-se afirmar que a consciência histórica dos alunos em relação à escravidão e seu processo histórico foram alimentados pelas informações provenientes ao assistir o filme, permitindo que a avaliação crítica dos alunos sobre a escravidão fosse significativamente mais

consistente, buscando a memória e história dos antepassados para a construção dessas ideias.

A reflexão de um estudante citada no capítulo anterior, ao fazer a conexão entre a história do quilombo e seus conflitos com os conflitos da comunidade - “no filme também mostra uma disputa entre Ganga e Zumbi, ao aceitar o acordo de tratado de paz. Isso pode acontecer até na nossa comunidade, mesmo estando lutando pelo um único objetivo.” – demonstra o potencial de reflexão e conexões entre tempos históricos.

Assim, este trabalho contribuiu com a educação e a formação humana, sendo utilizado de forma interdisciplinar. Um grande desafio é adaptar o audiovisual em uma educação básica no campo, superando todos os obstáculos como a falta de energia, de equipamentos, de inclusão da mesma nas aulas. Através das atividades e necessidade da inserção, podemos perceber o nível crítico dos estudantes sobre o assunto, diferentemente das aulas conteudistas. A interpretação fílmica aguçou os conhecimentos dos mesmos, que tiveram clareza de relacionar com o ambiente inserido. O cinema em sala possibilitou os estudantes a criar e pensar. Os mesmos são jovens e estão em construção de aprendizagem do mundo e da própria identidade e percebi que eles, procuram entender o procedimento histórico dos nossos antepassados para construir sua subjetividade e entender o mundo que circula.

Esta pesquisa é relevante para a comunidade, podendo ser usada pelos professores como uma ferramenta de possibilidade de inclusão, e como referências aos autores citados que aponta caminhos para o pertencimento de identidade. E pode ser adaptada para continuidade de práticas de filmes na educação e comunidade. Este trabalho, com a inserção do filme “Quilombo”, fez me refletir sobre a minha própria identidade, que sistematizei no texto “Quando me reconheci como negra kalunga”, colocado na introdução desta pesquisa.

É importante ressaltar que depois dessa experiência com o filme em sala de aula, os estudantes quiseram assistir filmes com mais frequência, no ensino de história e em outras disciplinas, revelando que este processo pedagógico pode se fortalecer, e até mesmo construir um trabalho interdisciplinar. Considero que foi um processo difícil e gratificante, podemos levar até eles os filmes, pois os mesmos não poderiam ir até o cinema. Pretendo continuar com a prática de filme no ensino de

história e em outras disciplinas, depois do “Quilombo”, já consegui exibir outro sobre ditadura militar, o filme “Brasil pra frente” de Roberto Farias (1982).

Para nós educadores do campo, a pesquisa revela que é necessário incluir outras modalidades para a formação dos estudantes do campo, obtendo resultados de ensino-aprendizagem com mais qualidade. Além disso, valorizar a cultura, os saberes e todo contexto da realidade local deve ser um desafio permanente a incluir em nossas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. Formação de Educadores do Campo. In: CALDART, Roseli et al (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

COUTINHO, Rosilda Alves. **Mitos e lendas e as possibilidades do trabalho Interdisciplinar na escola da comunidade são José**. Monografia do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Faculdade UnB Planaltina, 2015.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano **Identidade Negra entre exclusão e liberdade**. Universidade de São Paulo (USP, São Paulo, SP, Brasil). 2016.

FERREIRA, Simone Raquel Batista. **Quilombolas**. Dicionário da educação do campo 2012.

FIABANI, Adelmir. **Mato, Palhoça e Pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes [1532-2004]**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

FREIRE, Paulo, **Ação Cultural para a Liberdade**. 1970.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Ed, Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio, **A produtividade da escola improdutiva**. São Paulo: Cortez editora, 9ª edição, 2010.

GOMES, Flavio. **PALMARES, Escravidão e Liberdade no Atlântico Sul**. São Paulo. Editora Contexto, 2005.

GUDINHO, Maria Lúcia Martins. **A folia de São Sebastião no Povoado São José em Cavalcante - Goiás: Uma experiência em letramentos múltiplos.** Monografia do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Faculdade UnB Planaltina, 2017.

INOCÊNCIO, Nelson. Uma análise da representação negra no filme Quilombo. In: MARTINS, Aracy Alves et al. **Outras terras à vista: Cinema e Educação do Campo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

JUNQUEIRA, Flávia Campos. PERCEPÇÃO ESTÉTICA: a influência do modernismo no olhar da era tecnológica. **Rev. Estud. Comun.**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 259-266, set./dez. 2009.

KOCHHANN, Andréia, REZENDE, Liberalina Teodoro (orgs) **Cinema e educação: uma experiência crítica na sala de aula.** Anápolis: Editora UEG, 2016.

KOLLING, Edgar Jorge, CERIOLI, Paulo Ricardo osfs e CARDALT Roseli Salete, **Educação do campo: Identidade e políticas públicas, Por uma educação do campo.** Brasília-DF coleção por uma educação do campo, nº4. 2002.

MACHADO, Arthur Versiani. **Filmes Históricos no Ensino de História.** Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

MARTINS, Aracy Alves et al. **Outras terras à vista: Cinema e Educação do Campo.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MOLINA, Mônica Castagna, SÁ Laís Mourão. Licenciatura em educação do campo. In: CALDART, Roseli et al (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

NADOTTI, Nelson, DIEGUES, Carlos. **Quilombo.** Rio de Janeiro: Edições Achiamé, 1984.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** 5. ed., reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo.** Editora Vozes. Rio de Janeiro. 1980

SANTOS, Renato Emerson. **Quilombos.** Dicionário da educação do campo 2012.

SILVA, Airton Marques. **Metodologia da pesquisa**. 2a edição revisada. Fortaleza – Ceará, Ed. UECE, 2015.

TAFAREL, Celi Zulke; MOLINA, Mônica Castagna. Política Educacional e Educação do Campo. In: CALDART, Roseli et al (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012.

APÊNDICE

DESENHOS PRODUZIDOS PELOS ESTUDANTES

Fotos retratadas em desenho sobre o ser Kalunga e das cenas do filme Quilombo e socialização com a turma 9º ano do ensino fundamental



Dança arredor da fogueira. Fonte: a autora, 2018.



Pontos históricos culturais da comunidade. Fonte: a autora, 2018.

Desenhos em dois grupos de cenas mais marcantes do filme “Quilombo”, sendo a escolha a critério dos grupos.



Cena de Domingo Jorge velho e outros soldados matando Zumbi dos Palmares e ele devolvendo a lança, “para que ela nunca caia na mão do inimigo”.
Fonte: a autora, 2018.



Cena de Zumbi subindo a serra e chegando ao Quilombo dos Palmares, desenhado pelos estudantes. Fonte: a autora, 2018.



Desenho da estudante, que preferiu desenhar os objetos, que observou na cena. Fonte: a autora 2018.